



As múltiplas faces de Exu na Umbanda

Adriano O. Trajano Gomes¹

Introdução

Os “Exus-Demônios” descritos nos livros de Gonçalves da Silva (2002; 2005; 2012), são para ele, uma continuidade com a concepção africana de Exu e, ao mesmo tempo, são diferenças em relação à concepção cristã de demônio. Isto significa dizer que enquanto o Exu africano foi demonizado, o diabo cristão foi “exucizado” ou “orixalizado”. Para isso, o relativismo africano no maniqueísmo cristão do bem e do mal introduziu muito bem isso. Esta imagem de “Exu-Demônio” também acabou sendo reproduzida pelos umbandistas no município de Viçosa, Zona da Mata alagoana.² Foi possível, a partir de uma pesquisa etnográfica e da história oral, sintetizar algumas informações históricas acerca da formação do culto organizado da Umbanda neste município e da construção do cosmo religioso sobre Exu.³

No cosmo⁴ religioso umbandista há diferentes expectativas dos médiuns com as diferentes categorias de espíritos. Temor, principalmente em relação aos Exus e Pombagiras, interpretados como pertencentes à “linha de esquerda”⁵. Afeto em relação aos Pretos-Velhos, Caboclos e Ciganos.

¹ Mestre em Ciência das Religiões pela Universidade Lusófona/Portugal e Mestrando em História pela Universidade Federal de Alagoas. É Pastor Batista desde 2004. Contato: adrianotrajano13@hotmail.com

² O município de Viçosa está localizado a 86 quilômetros da capital Maceió, Mesorregião do Leste Alagoano; Microrregião Serrana dos Quilombos dos Palmares, região do Vale do Paraíba. Seus principais acessos se dão pela BR-316, AL-204 e a AL-110, todas asfaltadas. No que concerne ao adensamento populacional, Viçosa atualmente registra uma população de 25.444 habitantes (CENSO 2010).

³ O autor iniciou sua pesquisa de campo no ano de 2009 em apenas oito terreiros de Umbanda. No início do ano de 2014 a pesquisa foi retomada e ampliada envolvendo os trinta e três terreiros ali existentes. A Dissertação em Ciência das Religiões está [no prelo] e a Dissertação em História será defendida em dezembro de 2015.

⁴ Termo empregado e explorado por Ortiz, (1991, p. 69-86) e Montero (1985, p.175-248), significando todo o universo dessa religião representado em suas práticas, crenças, espíritos, tradições, rituais, mitos e costumes religiosos.

⁵ Espíritos na Umbanda que se encontram próximos do mundo material, com afinidade, próximos dos filhos/as de santo, com suas aflições e incertezas, representando a condição social desses indivíduos. A “linha de esquerda” diz respeito ao mundo inferior, espíritos menos evoluídos na escala espiritual -, significa enxergar o lugar que ela ocupou durante o processo sincrético. Esses espíritos considerados da “linha de esquerda” da Umbanda constituem-se uma espécie de “retrato” social;



Respeito em relação aos Orixás. Ternura e inocência em relação aos espíritos de crianças, os Odés. Enfim, as imagens desses espíritos são marcadas pela sua diversidade e incorporação nos filhos/as de santo. Ou seja, trata-se de espíritos que são constituintes da vida religiosa pessoal e coletiva desses grupos. A realidade cotidiana desses filhos/as de santo e espíritos está marcada pelo imbricamento dos aspectos relacionais como: reverência, temor, devoção, respeito, esperança, fidelidade, dedicação e obediência às entidades cultuadas, configurando-se uma dinâmica relacional. Essas diferentes expectativas mediúnicas fazem com que as tarefas religiosas tornem-se reguladoras do cotidiano desses filhos/as de santo, cujo processo análogo resulta na realidade vivencial de todos/as. Os Exus e Pombagiras, espíritos que compõem a chamada linha de esquerda da Umbanda ou Quimbanda estão presentes no cotidiano desses terreiros, bem como na relação pessoal e coletiva desses filhos/as de santo. Historicamente as imagens do Orixá Exu foram ressignificadas analogamente ao diabo cristão, sobretudo, a partir de uma construção moderna feita pela teologia judaico-cristã, a tudo o que representa a maldade e a danação (DELUMEAU, 1989; THOMAS, 1991).

No processo de desenvolvimento da Umbanda na primeira metade do século XX no Brasil, sobretudo, na égide sincrética dos cultos afro-brasileiros (GONÇALVES DA SILVA, 2005), os Exus foram empurrados de vez para o domínio infernal da religião como resultado da influência do pensamento judaico-cristão que passou a permear e a dividir opiniões no interior da Umbanda. Assim, o dualismo ético entre o bem (Orixás) e o mal (Exus e Pombagiras) passou a ocupar o cosmo religioso umbandista desde sua organização histórico social.

O estudo da Umbanda em Viçosa é fundamental para compreender o papel que as religiões negras cumprem na religiosidade popular alagoana. Ressalta-se que não consta no universo acadêmico e, nem tampouco, nos acervos bibliotecários do município de Viçosa, nenhuma referência

“descrição condensada” da realidade e condições de vida desses filhos/as de santo às margens da sociedade brasileira (MONTERO, 1985, p. 200).



bibliográfica acerca das religiões afro-brasileiras ali. Isto é confirmado por Rafael (2004, p.263), o qual escreve que não é estranho reconhecer que no estado de Alagoas, sobretudo, poucos autores têm dado atenção às manifestações de matriz africana. Em meados do final do século XIX, ao que se sabe, existia em Alagoas a prática do Candomblé nagô, cuja concentração estava na capital do Estado, Maceió. No ano de 1912 existiam, só em Maceió, mais de cinquenta terreiros comumente chamados de Xangôs; assim, em rincões mais longínquos da capital, existia pelo menos, uma casa de Xangô (RAFAEL, 2004). Conforme Santos (2012, p. 191-192), o “silêncio dos intelectuais” e da repressão violenta e sistemática contra essa modalidade religiosa permaneceu por décadas. Daí a necessidade de redigir um trabalho como este abordando a construção histórica desse universo religioso multifacetado.

Problemática

Quem são os Exus na Umbanda? O que os/as filhos/as de santo e suas respectivas lideranças religiosas pensam acerca dessa categoria de espíritos? Por que são identificados dentro da chamada linha de esquerda? O que os Exus representam no imaginário religioso da Umbanda? Partindo da problemática precitada, a hipótese poderá ser posta no sentido de se somar à concepção dos filhos/as de santo umbandistas e suas lideranças, entendendo, *a priori*, ser uma relação marcada por extrema obediência e esperança na força dos Exus. Desse modo, tendo em vista o caráter *trickster* de Exu (QUEIROZ, 1991), bem como as representações de sua imagem disseminada ao longo das décadas fez com que o universo mágico-religioso da Umbanda o interpretasse como representante das trevas.

Objetivos

O objetivo é compreender as interpretações e percepções historicamente construídas acerca do Orixá Exu entre os anos 1960 e 2014, e identificar as absorções e similitudes históricas, sobretudo, no desenvolvimento do processo sincrético no Brasil a partir da organização da



Umbanda na segunda metade do século XX. E, por sua vez, refletir seus desdobramentos no imaginário religioso umbandista, no município de Viçosa, interior de Alagoas, a partir da segunda metade do século XX. Dessa forma, espera-se constituir uma base de reflexão que auxiliará no fortalecimento de uma teoria explicativa sobre as transformações e mudanças históricas vivenciadas pelas religiões afro-brasileiras no estado, tendo em vista os embates culturais, sobretudo, sociais de seus adeptos na atualidade.

Objetivos Específicos

- a) Identificar dados sobre a história contemporânea das religiões afro-brasileiras no Estado de Alagoas, a partir de uma ênfase no município de Viçosa;
- b) Descrever as mudanças históricas do Orixá Exu nos rituais umbandistas praticados no município de Viçosa/Alagoas;
- c) Caracterizar as percepções e experiências que os filhos/as de santo umbandistas têm na relação com os Exus cultuados nos terreiros;
- d) Identificar as transformações culturais e sociais do Exu na Umbanda a partir da segunda metade do século XX;
- e) Verificar na história da Umbanda viçosense as concepções dos filhos de santo sobre os Exus.

Metodologia

A base teórico-metodológica utilizada foi a perspectiva da história social a partir da prática historiográfica com empreendimento científico procurando entender a realidade circundante do objeto investigado, considerando a interdisciplinaridade das ciências humanas e sociais, a fim de construir uma análise histórica do objeto de pesquisa (HAGUETTE, 1992; MINAYO, 2008). Os terreiros de Umbanda investigados trazem em seu arcabouço ritualístico experiências próprias e singulares. Desse modo, tem-se a seguinte composição desse universo da pesquisa, 33 terreiros inseridos no município de Viçosa/AL. Entrevistas individuais semiestruturadas com as trinta e duas lideranças umbandistas, realizadas no interior dos próprios



terreiros e em suas residências, bem como a participação e inserção em pelo menos vinte “giras” ou “toques” de Exus e Pombagiras e seis nas chamadas “matanças pra Exu”, cerimônias públicas e internas; entrevistas com consulentes que buscam os serviços mágico-religiosos do Exus e participação nas oferendas dedicadas a esses espíritos, fontes documentais e jornais que irão compor as fontes de pesquisa.

O método utilizado baseia-se na análise comparativa das informações na pesquisa bibliográfica, documental e dos dados colhidos em campo, utilizando como base o método dedutivo, a partir da análise da disposição ordenada dos enunciados gerais, em que tais informações serão sistematizadas em uma fundamentação teórica, e alicerçada nesta última. Para Haguette, “... os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e sua razão de ser” (1992, p.63). Para situar-se no campo de pesquisa adentra-se no município de Viçosa que está localizado a 96 quilômetros da capital Maceió, na mesorregião do leste alagoano e microrregião serrana dos Quilombos dos Palmares e, atualmente, registra uma população de 25.444 habitantes⁶. Para compor o universo desta pesquisa, conforme abordado, serão entrevistados filhos/as de santo e Pais e Mães de santo, sendo todas as falas gravadas em equipamento digital de áudio e vídeo constituindo assim o empreendimento científico da pesquisa.

Resultados e discussões

Os Exus na Umbanda em Viçosa, parecem “codificar” e “corporificar” significações religiosas, encarnadas e moduladas em significações e compreensões não-verbais. Ou seja, matizadas por um mosaico social e histórico-cultural. Os rituais envolvendo as “giras”, “consultas” e todas as celebrações umbandistas, constituem-se um mecanismo de pertença ou adesão ao poder ou *status* religioso adquirido, reforçando esse poder para os consulentes. O campo de pesquisa mostrou que a relação entre filhos/as de santo e Exus na Umbanda é explícita. Os terreiros agregam pessoas pobres e

⁶ Censo IBGE 2010. Dados disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> >. Acesso em: 09. nov. 2013.



sexualmente marginalizadas. Nesses espaços de culto os rituais servem como elemento agregador e aproximador do divino, bem como através dele, as pessoas encontram um espaço no qual possam se comunicar com esses espíritos e, ao mesmo tempo, solicitar seus trabalhos a fim de encontrar uma resposta para seus problemas existências.

No que diz respeito ao “processo sincrético”, ao se ajustar à tradição cristã brasileira, o ritual de origem africana, evidentemente, faltou preencher o tradicional dualismo cristão, céu-inferno, salvação-condenação, Deus-diabo, bem-mal e certo-errado, à luz da fé. O lado satânico desse esquema encaixou perfeitamente nos rituais e no modo de pensar dos adeptos dessas religiões dos Orixás a partir do início do século XIX, com o ressurgimento ou sistematização da Umbanda. Enquanto os Orixás ou santos da Umbanda como comumente são chamados, assumiam o terreno do bem, muito bem representados nas imagens dos Pretos Velhos e Caboclos, os Exus, agora pluralizados, assumiram o papel de espíritos de condutas questionáveis, figuras do mal. Isto foi identificado na fala das lideranças umbandistas viçosenses.

A imagem ressignificada de Exu na fala das lideranças é da *“parte do satanás”*, para isso precisa ser *“amansado”* pelos Pretos Velhos e para que Exu passe a *“gostar da gente”*, segundo ele, faz-se necessário cumprir suas obrigações ou oferecer-lhe mais axé. Fica clara a alusão que se faz a Exu ligando-o ao universo da chamada *“magia negra”*, *“trevas”* e *“partes baixas da terra”*. Importante observar também que no campo de pesquisa ficou claro o lado de *“cobrança”* e *“punição”* de Exu com relação aos filhos de santo relapsos.

O que se percebeu foi que em algum grau todos sempre trabalharam com Exu e conseqüentemente, com *“matanças”* e *“bebidas alcoólicas”*. O ápice no ritual sempre foi o transe de possessão quer seja em rituais públicos ou privados. Tudo leva a compreender que em certa medida, a liderança mais antiga disputa espaço com a mais jovem e vice e versa. Quanto aos rituais ou festas de Exu, ficou evidente o transe de possessão por dezenas de Exus e Pombagiras e a grande semelhança de práticas entre os terreiros cada qual



com suas especificidades. Não coube a esta pesquisa averiguar ou investigar minuciosamente o transe ou incorporação, mas procurar compreender o personagem Exu na visão da liderança. Ficou evidente o culto a Exu, suas oferendas, suas cobranças, suas admoestações aos filhos de santo. Também ficou evidente o respeito e temor para com os Exus e sua ação direta na vida de todos nos terreiros e no seu cotidiano. Em suma, percebeu-se também que Exu em Viçosa foi ressignificado e revivido na prática e na visão de cada liderança.

A construção da cosmovisão religiosa umbandista a partir das falas dos seus representantes mais antigos só comprovaria o dilema histórico que ainda cerca o personagem Exu e suas falanges. Percebeu-se ainda que a experiência religiosa umbandista foi vivida, sentida e compreendida corporalmente. Observou-se que as classes de Exus e Pombagiras corporificam significações religiosas, encarnadas e moduladas em significações e compreensões não-verbais. No transe de possessão as mãos eram encolhidas e postas para trás vindo logo depois a ajoelhar-se diante do *congá* ou assentamento de Exu, cambaleando, com a cabeça em direção ao chão sempre. As acentuadas disfonia⁷, disfemia⁸ e dislalia⁹ ficaram visíveis durante o transe. Muitos Exus não conseguiam sequer pronunciar uma palavra ficando apenas emitindo sons de extrema rouquidão e derramando saliva ao chão. Para um Pai de santo, esses Exus são os mais “*pesados*”, “*infernais*”.

Intercalando as experiências com o texto de Birman (1983, p. 28-60), de notar que nos rituais umbandistas acompanhados, a subalternidade das entidades ocupava um valor positivo. Os espíritos mais valorizados na Umbanda eram pensados como seres inferiores e subalternos aos homens – como se pôde observar nos discursos registrados: “*da parte baixa*”, “*do invisível*”, “*da magia negra*”, “*da esquerda*”. Parece que aquele poder religioso decorria de uma inversão simbólica de valores em que, do ponto de vista estrutural, são julgados inferiores na sociedade, no ritual são

⁷ Perturbação na voz, sons vocais distorcidos.

⁸ Sons com dificuldades de audição, gagueira.

⁹ Falas com perturbação sonora, sons distorcidos.



detentores de poder mágico particular, advindo da própria condição que possuem. A leitura do texto de Birman contribuiu para identificar esta inversão de valores da hierarquia espiritual como constituintes do triunfo religioso da Umbanda em que os fracos e socialmente despossuídos passam a ter, por meio do poder mágico, sabedoria, força e atuação no mundo, legitimadas pela religião. Assim, compreendeu-se que a Umbanda em Viçosa retira do estigma de seres inferiores e menos evoluídos, sua vitalidade, sua ação mágica. Um exemplo disso ficou explícito nas figuras observadas dos Exus e Pombagiras, os quais recebiam louvação, admiração e temor dentro e fora dos terreiros. Este aspecto paradoxal, ou esta inversão simbólica assumia ali um caráter de transgressão, renovando outra fonte de poder na sociedade – os *“toques”*; desse modo, reuniam todas as entidades em terra por meio de um poder mágico inigualável.

Após leitura compreensiva do conjunto do material coletado em campo, supõe-se que uma das hipóteses desta pesquisa seja a de que, em algum grau, toda a liderança umbandista tenha a plena consciência de que a imagem de Exu como sinônimo de Diabo seja inevitável e, conseqüentemente, suas punições sejam uma realidade. Pode-se dizer, de certo modo, que a relação com os Exus, constitui-se uma relação de temor, reverência, disciplina rígida e extremo respeito e obediência.

Considerações finais

Faz-se necessário desvincular todo pensamento de ver a umbanda como uma “religião dos demônios”, inimiga do cristianismo e responsável pelo sofrimento, desgraça e perdição humana. Desvincular a Umbanda da imagem do mal, do diabólico. Observou-se que esta analogia ao inferno e ao diabo, de fato existe e que os Exus cultuados nos terreiros influenciam diretamente em todas as esferas da vida dos adeptos, inclusive causando-lhes medo. Especificamente, o campo deixou transparecer que os Exus, talvez sejam cultuados mais por medo do que por admiração. O interessante na pesquisa não é tanto os elementos que compõem o gradiente religioso umbandista, mas, compreender seus significados e o sentido social que eles



adquirem no rito religioso. Nos rituais de Exu, evidenciou-se uma conciliação transcendente intrínseca entre os filhos/as de santo e os espíritos através do corpo, resultando em profunda intimidade com os mesmos. Compreende-se também que foi no ritual que Exu foi ressignificado adaptado a valores e práticas sociais e culturais no Brasil do século XX (NEGRÃO, 1996; PRANDI, 2005; BASTIDE, 1989, 2001; VERGER, 2000). Viçosa não escaparia desse processo.

Mediante o exposto, o presente artigo procurou compreender uma avaliação das regras e valores que parecem reafirmar a presença do “Exu malfazejo” que pode vir a atuar com Exu benfazejo”, das suas forças mágicas nos/as filhos/as de santo em seu cotidiano. É importante elucidar que a inserção em grupo de Umbanda gera compromissos, tanto no âmbito individual, quanto no social. Existem tarefas religiosas descritas pelos grupos que precisam, de maneira individual, ser cumpridas à risca, no caso, as chamadas “*matanças*” ou “*cortes*” pra Exu. Essas tarefas são dedicadas a Ele e às comunidades ou famílias de santo locais. Com efeito, a construção da imagem de Exu nos terreiros parece ter sentido a partir da rede social e religiosa que a compartilha. Desse modo, nesta perspectiva, procurou-se identificar as múltiplas faces de Exu e sua relação com a imagem do Diabo dos cristãos na constituinte da realidade pessoal e coletiva do processo religioso entre a chamada “*linha de esquerda*” e a diversidade Exus existentes em seu panteão.

Referências

- BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia: rito nagô. Tradução: Maria Isaura Pereira de Queiróz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1989.
- BIRMAN, Patrícia. O que é Umbanda. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DELUMEAU, Jean. História do medo no Ocidente: 1300-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



GONÇALVES DA SILVA, Vagner. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2012, v. 55 nº 2. p. 1085-1114.

_____. *Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira*. 3. ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

_____. (Org). *Memória Afro-brasileira: Caminhos da Alma*. São Paulo: Selo Negro, 2002.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. 3. Ed. rev. ampl. Petrópolis: Vozes, 1992.

MINAYO, M. C. de S. (org); DESLANDES, Suely F ; GOMES, R. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. 27. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

MONTERO, Paula. *Da doença à desordem: A Magia na Umbanda*. Vol. 10. Rio de Janeiro: Graal, 1985. (Coleção Biblioteca de Saúde e sociedade).

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1996.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira*. 2. ed. São Paulo: brasiliense, 1991.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

QUEIROZ, Renato da Silva. *O herói-trapaceiro. Reflexões sobre a figura do trickster*. *Tempo Social. Rev. Sociol. USP*, São Paulo, n. 3 (1-2): 93-107, 1991. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial>>. Acesso em: 17 jun. 2014.

RAFAEL, Ulisses Neves. *Xangô rezado baixo: Um estudo da perseguição aos terreiros de Alagoas em 1912*. 274 f. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – para a obtenção do grau de Doutor. 2004.

SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. “Nos Domínios de Exu e Xangô o Axé nunca se Quebra: Transformações históricas em religiões afrobrasileiras. 305 f. Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas no Departamento de História da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo/Maceió: 2012.



TRAJANO GOMES, Adriano O. As relações entre filhos/as de santo e espíritos no cosmo religioso umbandista: Uma abordagem a partir do contexto de Viçosa/AL. 205 f. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Ciência Política, Lusofonia e Relações Internacionais da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – ULHT – Lisboa/Portugal para a obtenção do grau de Mestre. 2012. [no prelo].

THOMAS, Keith. Religião e declínio da magia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERGER, Pierre Fatumbi. Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de todos os santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África. 2. ed. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura.. São Paulo: Edusp, 2000.